

internacional Os bons frutos da reunião de Versalhes

0 8 JUN 1982

Não se podia admitir que a oitava reunião de cúpula, realizada em Versalhes, pudesse deixar de conduzir a um compromisso, ou a vários compromissos. Quando o liberalismo do presidente Reagan e o socialismo do presidente Mitterrand se defrontam, torna-se necessário encontrar um denominador comum. Era preciso evitar, desta vez, que o consenso se traduzisse numa simples declaração de boas intenções. A leitura atenta do comunicado final do encontro de Versalhes revela que o balanço da reunião de cúpula foi bastante positivo.

Em comentário que publicamos antes da reunião de Versalhes previmos que haveria uma espécie de barganha entre os Estados Unidos, interessado em que a Europa reconsidere sua política econômico-financeira em relação ao bloco soviético, e os outros países industrializados, que vinham pressionando o governo de Washington no sentido de que se empenhe mais ativamente em reduzir a taxa de juros em seu país, pondo fim à *neglect benign* que mostra no tocante às flutuações do dólar em relação às outras moedas. A reunião deu margem a essa barganha, que se objetivou em certos compromissos. Mas — e talvez tenha sido esse

resultado mais apreciável da reunião de cúpula — os países europeus conseguiram uma radical mudança na atitude dos Estados Unidos perante o Terceiro Mundo, uma vez que os levaram a aceitar negociações globais com os países em desenvolvimento, dando assim um passo à frente em relação à Conferência de Cancun.

O comunicado final comporta, sem dúvida, interpretações divergentes, cada país encarando de um ponto de vista próprio os “compromissos” assumidos. Não obstante, é suficientemente explícito para deixar visíveis os progressos alcançados. No que diz respeito à questão, particularmente espinhosa, das relações do Ocidente com os países do bloco soviético, tomou-se a decisão de manter todos os países da OCDE informados acerca do comércio com a Europa Oriental, de dificultar a concessão de empréstimos aos países comunistas e de fiscalizar com todo o cuidado a exportação de produtos estratégicos.

Foi em troca desse engajamento — não tão completo, certamente, quanto o desejaria o presidente Reagan — que os Estados Unidos se dispuseram a adotar atitude mais positiva para impedir as oscilações

“anormais” do dólar. Em 16 meses, o governo de Washington só agiu uma única vez no sentido de impedir uma alta exorbitante de sua moeda em relação às outras; agora, porém, está decidido a mostrar-se mais atuante no mercado cambial — embora seja difícil dizer em que consiste uma oscilação “anormal”.

O governo norte-americano concordou em reconhecer que as taxas de juros nos Estados Unidos são “inaceitavelmente altas”, mas o presidente Reagan, ao que parece, chegou a convencer seus aliados de que tais taxas baixarão, tendo feito apenas um apelo, tácito, no sentido de que todos os países perseverem na política de combate à inflação, que exige o controle monetário.

Foi, porém, em relação aos países em desenvolvimento que se registraram os maiores progressos. Até agora, o governo norte-americano se havia mostrado pouco animado a encetar conversações com o Terceiro Mundo para resolver, em conjunto, os problemas pendentes. Na reunião de Versalhes, o “sopro socialista” do presidente Mitterrand não deixou indiferente o presidente Reagan, que aceitou o princípio das “negociações globais”. Ao mesmo tempo, por iniciativa do presidente da França,

criou-se um grupo de trabalho para estudar o desenvolvimento de novas tecnologias e sua transferência para os países do Terceiro Mundo. Salientou-se que se deveria salvaguardar a independência dos organismos internacionais e os sete países representados na reunião comprometeram-se a fortalecer o Fundo Monetário Internacional, aumentando suas cotas.

No que se refere ao Banco Mundial, prevaleceu a idéia, patrocinada pelos Estados Unidos, de dar primazia aos empréstimos destinados a fomentar o desenvolvimento do setor privado (não se fez alusão à “gratuação”), enquanto, por outro lado, se reconheceu a necessidade de fortalecer a Associação Internacional de Desenvolvimento, a fim de incrementar a ajuda proporcionada aos países mais pobres. Finalmente, convenceu-se em fazer referência, no comunicado final, à condenação do protecionismo.

A nosso ver, o comunicado dos sete constitui um passo à frente no que tange ao diálogo Norte-Sul. De qualquer modo, será preciso aguardar o início das negociações globais (sem data nem prazo marcados) para se poder avaliar, plenamente, o alcance das mudanças de atitude por parte dos países ricos.